Espiar-se | Pedro Sérgio Vieira Martins

Saí cedo de casa para me juntar à excursão a uma cachoeira. Os participantes da trilha se reuniram em uma praça no Centro da cidade e juntos tomamos um ônibus e pegamos a Br levando nossas mochilas, roupas leves, frutas e água como a guia tinha indicado. Alguns têm sapatilhas de trilha e câmeras fotográficas profissionais, pareciam acostumados enquanto eu fazia algo desse tipo no máximo uma vez por ano. Eu tinha esperado a estação adequada para visitar a cachoeira para não encontrá-la seca ou com água demais. Apesar de não fazer tantas aventuras, eu gosto de Cachoeira e a minha preferida é a Cachoeira Preciosa, em Alenquer. Mas dessa vez estava indo para Rurópolis, onde a BR-163 e a Transamazônica se cruzam. Lá, os braços do Rio Cupari se estendem em pedras e quedas d'água rodeadas de árvores enormes de folhas largas. Talvez seja esse o melhor atributo delas que, diferente das cachoeiras das chapadas, surgem como fendas na mata densa.

No caminho, eu espiava pela janela que às beiradas da rodovia se alargavam mais do que eu costumava ver. E eu me perguntava "O que será que vai ser aqui?". Paramos para um café preto coado com bastante açúcar e pão de queijo que acabava de sair do forno. Comentei, à mesa, que tinha conhecido algumas cachoeiras por ali, mas que não era muito fã de trilha. Os colegas comentaram sobre o arvorismo, o rapel e tantas atividades que eu estava conhecendo. Naquela região tão visitada por gente de tudo quanto é lugar do mundo, se falava pouco de turismo para as cachoeiras, que não eram só corredeiras, onde os pedrais aparecem somente no verão, mas também cascastas e quedas d'água com mais de

30 metros.

Quando chegamos ao pé da cachoeira ela já estava tomada por visitantes. O passeio foi como outro qualquer, apenas um passeio. Subiram drones, fizeram muitas fotos com saídas de banho em poses sobre as pedras. Para os mais animados, cerveja. Fiquei posicionado para que a água batesse nos ombros e ali permaneci por um tempo. Foi o que contei a uma colega enquanto escrevíamos uma carta em defesa dos territórios da Amazônia a ser assinada por coletivos. Ela, agricultora e liderança há anos, me falava dos roçados, travessias, da produção, da cobra que quase picou sua perna e do lazer no igarapé. Revisamos o texto duas ou três vezes entre assuntos aleatórios. Para fecharmos o texto, ela me disse que se perdia com o ponto parágrafo. Escrevia sem pausas e se angustiava. Eu achei que poderia ajudar, mas avisei que tinha problemas sérios com vírgulas; se era pra usar uma, duas ou nenhuma. Em geral, se faz "nota", mas avaliamos que "Carta" era melhor, na carta a gente reclama, mas fala do que é bom e escreve para ser correspondido. E ela ainda me perguntou "Quem está construindo mais um porto na cidade?" E listamos as empresas nominalmente na Carta. Decidimos que iríamos pedir uma leitura final para uma terceira pessoa antes da aprovação. Já tínhamos os dados estatísticos da população, dados de desmatamento, o objetivo da carta bem colocado, o endereçamento para as autoridades, lembrando de usar "Ilustríssimo" em vez de "Excelentíssimo" e um fechamento bem amarrado pronto para as redes sociais.

Depois da escrita e de uns goles de café, ela me deu algumas laranjas do sítio e seguimos, eu de volta para a frente do computador, ela para a sua comunidade organizar os produtos para a feira. Naquele lugar,

entre praias de rio e igarapés, eu vivia como se cada localidade me encantasse. Ela vivia um só encanto que se estendia sem fragmentações, sem cercas. Para chegar em casa eu atravessava a cidade, eram longos 15 minutos. Meu bairro era um canteiro de obras. A cidade que tinha se espraiado - no sentido literal do termo, pois alargou-se pelas praias - agora se verticalizava. Amigos que visitam a região e partem para as pousadas, logo que chegam costumam me perguntar "Quem mora nesses prédios?" Até hoje eu não sei dizer ao certo, alguns dizem serem os sojeiros. Agora os caminhões que tomam a cidade não são só de grãos, mas de materiais para erguer esses prédios. Galpões não faltam por aqui. Um vizinho fez galpão em vez de kitnets. Ele dizia que dava menos dor de cabeça.

Passada uma semana nos encontramos de novo, em meio a uma passeata. Dessa vez, ela me contou que dias atrás havia levado uma jornalista para conhecer as histórias e as praias do seu território. Depois de entrevistas para texto e podcast, tomaram o barco na beira, desenrolaram as redes quando os fogos anunciaram a chegada da embarcação, lotada de presentes, mercadorias e panfletos para distribuir. Aproveitaram bem e até fizeram piracaia. Viram tartarugas no lago e ouviram causos nas casas dos vizinhos. Ela faz trilha como quem vai comprar pão, se gaba pra mim, que no meio do caminho já demonstrava sinais de cansaço. Ela me mostrou as fotos no celular. Eu comentei que as fotos do pôr-do-sol ficaram lindas. Reclamamos do aumento dos preços, da dificuldade de chegar na cidade e dos acidentes nas rodovias. Tínhamos nossos motivos para concluirmos como fazem as águas. Saímos da de uma praça em direção ao porto da cidade. Quem passava pela manifestação se

perguntava “Quando vão ouvi-los?”